

11-08-2023

O COICE DO TEMA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Lidamos, todos nós, com temas. São eles o prato predileto do pensamento e dos sentidos. O sistema financeiro internacional; a primeira e a segunda guerra mundiais e todas as guerras íntimas, a do desejo com o mundo; a do afeto com o desafeto; a da palavra com o silêncio. Temas cortam a veia: os problemas ambientais; a erosão da memória; a epidemia do câncer; a desigualdade social; o aumento da fome... Há outros mediante os quais pode-se elaborar severas interrogações: “o que fazer com o meu tempo no tempo do mundo?”.

.....

Tempo. Tempo...tempo... Parece-me que isso é de Barthes: os temas são poucos, mas suas combinações são infinitas.

Aliás, está em Umberto Eco que todos os temas centrais da vida, antes de Cristo, como os pré-socráticos, já haviam sido descobertos e argumentados: o espaço e o tempo; a existência e a consciência; a matéria e o movimento; o singular e o total.

Um sujeito só o é a partir dos temas e do que os subjazem.

Um tema, há de saber, jamais está só. O amor da mãe pelo filho, eis um tema precípuo. Entretanto, junto a ele situa-se a estrutura psicológica de ambos, mãe e filho; as condições sociais da mãe; a sua capacidade de cuidar; a relação com o pai na tensão de todas as relações; as circunstâncias de seu trabalho, a sua remuneração, a conjuntura econômica do país, o Estado... Freud ao inventar a psicanálise descobriu o inconsciente e, assim, interrogou o desejo e a libido; a moral e a sexualidade; a civilização e a cultura. Marx, anterior a Freud, sob o barulho enlouquecedor da maquinaria fabril, descobriu as contradições insolúveis da sociedade capitalista, a alienação do trabalho e todo o esforço humano endereçado ao mundo concreto e simbólico da mercadoria. São Francisco de Assis, bem anterior a Marx, descobriu que Deus é amor, mas para senti-lo era necessário andar de pés descalços, de mãos vazias, de coração nu... Clarice Lispector inventou a morte assim: “eu sei que cada dia é um dia roubado da morte”. O jardineiro que descobre a flor; a flor que descobre o beija-flor; o beija-flor que descobre o poeta... ..

O poeta, esse que, com a sua metáfora afiada, lê o tempo num haikai: BEIJA-FLOR BEIJA O CONCRETO (Vicente Humberto)... O sujeito vai ao tema, o tema carrega o sujeito.

Mas o problema do tema são os nexos, os anelos, as determinações, os condicionamentos, as combinações...

Há temas universalmente urgentes, como a saúde, a alimentação, o desemprego, a ética; e temas circunstanciais, a escuta, o exercício físico, o sono e, inclusive, o problema do cano do banheiro... Pois é! Numa banca de pós-graduação em que eu era arguidor, ouvi de um avaliador que o tema dá coices. No caso da pesquisa científica, os temas dão coices e precisam dar - enfatizou o arguidor. Para iluminar a sua argumentação, o professor narrou que o coice é necessário para demonstrar que o pesquisador foi surpreendido. Sob a surpresa, ao realizar a pesquisa, conseguiu ultrapassar o mero protocolo da empresa acadêmica e, melhor, atravessado pelo que aprendeu, viu-se perplexo com o grau de complexidade, conexão e tensão do seu tema e de tudo que existe. Foi tão fundo que chegou a um resultado misterioso: a interrogação. Paradoxalmente, saiu com a certeza: não é possível conhecer tudo de um objeto. Todos os temas caminham para a interrogação, pois todos os temas são a vida. Quando um tema de pesquisa, da vida corriqueira, ou mesmo de uma peça literária, se coloca ao pensamento, numa rapidez instantânea o pensamento o representa. Isso é feito a partir das experiências anteriores, sejam elas intelectuais, literárias ou da vida simplesmente.

As pré-imagens, uma vez conduzidas ao escrutínio e à reflexão profunda, desde que as pessoas tenham abertura à aprendizagem e à interrogação, sofrem deslizamentos. E devem sofrer. Daí que um continente de conexões, de tensões, de aberturas e de desafios, aparece. Eis o coice do tema. Vejamos: o coice do tema demarca o limite da sua representação inicial afirmando a necessidade de compreender que no fundo do fundo há outros fundos.

O fundo. O fundo. O fundo...

Haveremos de saber que todos os temas são inesgotáveis. São inesgotáveis o amor, a solidão, o trabalho, a cultura, o Estado, o sujeito humano. Nesse ponto, pesquisar, escrever e viver são as mesmas coisas: lida-se com a inesgotabilidade do que é real. E só a partir do real chega-se ao possível, pois “viver é melhor que sonhar (Belchior)” ... Ao basear-se no filósofo Walter Benjamin, a professora Angelita Pereira de Lima gosta de dizer: um fato é apenas um fato, aconteceu e pronto. Mas quando ele se torna um tema e alguém o lança na escrita, imediatamente são constituídas a experiência, a memória, a consciência. Por isso, escrever alarga o mundo.

Para isso servem os temas. E para os coices.

■ ■ ■